



Racismo e biopolítica no debate pós-colonial

Eppc

PROBIC/
FAPERGS

Autores: Hector de Oliveira Vieira¹; Prof. André Brayner de Farias²

¹ Bolsista IC, graduando em filosofia (UCS); ² Orientador, Doutor em Filosofia, coordenador do grupo de pesquisa Biopolíticas (UCS/CNPq).



INTRODUÇÃO

A formação social brasileira é notadamente marcada pelo colonialismo como condição histórica de ascensão do capitalismo e dos estados modernos. Portanto, raça e racismo são categorias (re)elaboradas para constituir um complexo político e ideológico de legitimação da exploração e do poder sobre a vida – biopolítica –, que por efeito, segundo os estudos de Mbembe (2018), será contemporaneamente atualizado como necropolítica. O velho direito de morte, associado ao poder soberano, opera desde o século XIX por dispositivos de governança como o racismo. Foucault explica em seu curso Em defesa da sociedade (1999) como o racismo opera na divisão social dos que devem morrer, ou permanecer à margem da proteção jurídica estatal, e dos que devem viver: como a biopolítica é o governo dos vivos e ao mesmo tempo a gestão soberana da morte. Mbembe, com o conceito de necropolítica eleva ao primeiro plano o poder soberano de morte.



Todos negros. Blitz policial na estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Foto: Luiz Morier, 1982.

OBJETIVOS

Portanto, este trabalho tem como objetivo norteador mostrar que colonialismo e racismo como quase-sinônimos não existem um sem o outro.

Nossos objetivos específicos são:

- I. Compreender o conceito de racismo pelo viés biopolítico e necropolítico;
- II. Demonstrar a importância de dar ao racismo um entendimento filosófico, indicando-o como ferramenta conceitual imprescindível para uma análise consequente dos processos históricos da modernidade, entre os quais o projeto colonialista;
- III. Construir desde a filosofia uma base de diálogo com as ciências sociais, principalmente a sociologia e a história, para contribuir com o exame crítico de fenômenos relevantes da realidade brasileira, pós e neocolonial, neste ainda início de século XXI.

MATERIAL E MÉTODOS

O enfoque de nossa pesquisa deriva do cruzamento de perspectivas, a biopolítica de Michel Foucault e a necropolítica de Achille Mbembe. Nossa metodologia é exploratória, ou seja, iremos explorar desde a filosofia um campo de ideias para um levantamento qualitativo de conceitos e intuições que possam mediar novas perspectivas de diálogo com áreas das ciências sociais que tradicionalmente empreendem pesquisas mais descritivas e quantitativas a respeito de temas como o racismo.

Além das perspectivas cruzadas, autores e obras como Fanon (2008), Césaire (2020), Schwarcz (2021), Schwarcz e Starling (2015), Adichie (2019) servem como eixo teórico de inter-relação dialógica entre áreas do conhecimento e visões sobre o tema.

RESULTADOS

A herança colonial no Brasil engendrou efeitos presentes na contemporaneidade. Podemos visualizar as consequências:

- I. Na configuração política, social e geográfica racializada;
- II. No suporte a legitimação e confirmação do poder a partir desigualdade econômica;
- III. No domínio e opressão sob a mentalidade e os corpos, nas estruturas espaciais, ideológicas, culturais e do conhecimento;
- IV. No conjunto de condutas, interações e procedimentos institucionais ou não, no que podemos sintetizar como "racismo estrutural" (ALMEIDA, 2019).



Ex-governador do RJ, Wilson Witzel, descendo de helicóptero e comemorando operação policial que resultou na morte de um homem portando arma de brinquedo suspeito de sequestro de um ônibus. Foto: Fabiano Rocha, 2019.

Ainda, podemos perceber em estudos recentes as reconfigurações do colonialismo a partir dos efeitos do neoliberalismo. Mais evidentemente nas ações do Estado epicentro das ofensivas neocoloniais: o que antes restringia-se a *White Supremacy* estadunidense, atualmente assume *Western Supremacy* munida de novos meios. As formas de necropoder se dão por meio do controle físico, geográfico, operativo-militar (táticas convencionais) como por meios mais sofisticados, através do controle e repressão sobre as mentalidades, produzindo artifícios coercitivos sob imaginários culturais, intensificados pelos meios tecnológicos e táticas não-convencionais de *Psywar* e *PsyOps*. (MBEMBE, 2018), (LOSURDO, 2016).

Também, analisa Schwarcz (2021), que "da mesma forma que a escravidão brasileira se transformou na linguagem da hierarquia e da diferença, [...] a nossa contemporaneidade vai recriando novas formas de discriminação e mantendo essa estrutura."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos expostos podemos perceber que as perspectivas biopolítica e a necropolítica são fundamentais não só para uma análise histórica, mas para a problematização de fenômenos sociais que acometem o presente. A estrutura social brasileira é racial e racializante, onde reinventa seus meios de supremacia sobre a vida. O crescimento da letalidade em operações militares em comunidades majoritariamente de população negra – e como explora Mbembe, o nome Negro como condição de vida a todo o outro, descartável e solúvel – com a legitimação de governantes e com amplo aparato de espetacularização midiática, ilustra bem o racismo contemporâneo na sua forma política, ou precisamente, necropolítica..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvia. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRAYNER DE FARIAS, A. (2021). Racismo e necropolítica: variações para uma biopolítica pós-colonial. Revista Opinião Filosófica, 12(2), 1–20.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LOSURDO, Domenico. A Esquerda Ausente. 1ª Ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2016.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018ª.
- SCHWARCZ, Lília. Lília Schwarcz destrincha o Brasil racista e desigual e alerta: "é necessário que não naturalizemos os golpes cotidianos". [Entrevista concedida a] Edmilson Cardial, João Jonas e Laura Rachid. Revista Educação, São Paulo, ed. 278, 9 set. 2021.
- SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

APOIO:

